

CORRESPONDÊNCIA

1.

Sei que não esqueceste esse lugar único porque uma lua vermelha subia no horizonte e o fascínio desse momento doce e terrível fez com que a minha mão descesse quase involuntariamente e o teu seio aparecesse nos meus dedos. Um seio pesado, espesso como o estranho satélite que as agulhas dos pinheiros recortavam, inesperado como o gesto que te deixou desprotegida. Falámos de vampiros, aproximava-se a hora de rasgarem as tumbas, o lugar era deserto e propício como um cenário convencional da Transilvânia. Sentimos em nós o domínio do impulso fatal, os dentes olharam-se com espanto e o filme partiu, ficando apenas perceptível o ruído da bobina a rodar no vazio. As palavras esqueciam o espaço, só os gestos transportavam, ainda que oblíquos, e atingiam um equilíbrio que era uma partilha de vagas.

Não ficou assim nada que nos possa hoje documentar, não sabemos muito bem onde rompeu a nascente, o que justificaria os dias de bruma e alcool que provocaram o grito profundo que ainda hoje repercute nas tuas cartas. Cabelos de sol embriagavam, é certo, a abriam a terra para uma respiração que mordida, mas já a tua mão acena a uma janela em movimento e eu perco de vista a garupa fascinante e audaciosa que vindimava um ventre em carne viva antes do sono. Um cheiro de resina torna o ar mais presente, a lua vermelha galga lentamente as frondes e diminui no céu como um balão de alegria. Balões que partem, cartas de ausência, um tempo de sono que a memória vela, eis o que te direi neste silêncio de gotas que se apagam, nesta solidão de vagão-restaurante onde a tristeza me soletra e palita os dentes com as quatro letras do teu nome bárbaro e impossível.

2.

Lavo os cabelos. Lavo a poeira dum dia imenso, a poeira duma cidade batida de ar africano, o profundo cansaço que de súbito se impôs com o vento, osovelos de pó que pelos cabelos atingiam as bandeiras erguidas sobre os pavilhões. Mergulho os dedos no champô e sinto a seda macia das tuas coxas, curvo-me e beijo-te um pouco acima do joelho. É doce a carne sob a mão que acompanha o relevo das veias. A espuma liberta a poeira, ela irá escorrer em breve sob o impulso do chuveiro e eu ficarei alguns segundos a contemplar a porcelana branca, uma paisagem tão diversa do ventre moreno onde arrisquei a carícia ao mergulhar a noite para sentir agora a divisão do corpo em Verão e nostalgia. Barbeio-me, ouço-te falar da cera que depila as coxas duas vezes por ano e sinto nos dedos a superfície cilíndrica da cera, a tua coxa sabe-me a círo frio, a rápida passagem pela vulva não transforma a imagem; num último esforço de persuasão a glande tensa roça as nádegas mas o corpo defende-se na seda amarrotada em que se envolve; o ar quente ergue a poeira que percorre os cabelos das multidões e o sono acolhe a cera destinada aos mortos. Só a espuma agora me lava, a cera perde-se na canalização, liberta-me da cidade onde os ciprestes crescem desordenadamente. Vi-os hoje, no regresso, imóveis sob o calor, perto do teu corpo adormecido que vive de palavras, que morre de palavras.

3.

Olho para ti, por cima da mesa, enquanto me pedes a viagem ao esquecimento, me pedes a amputação (de uma perna, de um olho?) e punhais dançam nos meus dedos e pergunto a mim mesmo porque os não uso, porque não te rasgo o ventre que moldei e te lanço aos cães o sexo que o tempo reduziu e oscila no Outono assustado em que te vais transformando. Que restos de ternura, memória ou covardia me impedem de ceder à febre e te deixei ir, livre, para a tua rota, de cigana perdida, ficando debruçado sobre o vazio agudo, sem timbre, sem aroma, sem uma gota de leite que impeça a queda das folhas? É então assim que as coisas se dirigem para a morte, é então assim que o horizonte se fecha sobre as manchas de sangue? Recordo agora tudo isso ao ler a tua carta com os habituais erros de ortografia e não vejo correspondência entre o que dizes e o ter-te ensinado a ver a pele das árvores em Fevereiro. Já sabias antes que o equilíbrio é uma perda—e acaso o conseguiste? Não se acenderam as giestas e a chuva cai nas curvas obstinadas dos teus olhos vendados em cidades que perderam os cabelos. Um itinerário de cegueira onde os combóios perderam significado, onde a pedra regressa à condição de pedra, um lugar de morcegos sem lua, sem domingo, sem lençóis... Agradeço-te o beijo final, a triste convenção da assinatura. Depu-lo no meu corpo, imagina onde; bem sabes que afinal não tenho emenda. Mas é somente um gesto: é tempo de crisântemos, tempo de atender a símbolos exaustos.